
A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS, AGRUPAMENTOS E COMUNIDADES EM *WEBSITES* DE REDES SOCIAIS

Cristiane Koehler (*)
Nádie Christina Machado-Spence (**)
Marie Jane Soares Carvalho (***)

INTRODUÇÃO

No contexto atual da educação do século XXI os conceitos de “grupos”, “agrupamentos” e “comunidades” surgem com muita frequência, tanto na fala quanto na escrita de artigos e textos acadêmicos e, por vezes se sobrepõem e se confundem. No presente artigo, sem a intenção de esgotar o tema e, na busca por um olhar que nos permita compreender as comunidades virtuais, iremos nos deter em concepções sociológicas e psicológicas do conceito, partindo de uma visão mais geral (sociologia) para uma visão mais particular (psicologia). Tendo isso como ponto de partida, o artigo reflete sobre as proximidades, distanciamentos e complementaridades entre os conceitos de grupos, agrupamentos e comunidades. A análise retoma a origem dos conceitos para pensar sua aplicação em contextos no ciberespaço e, em particular, na análise de um grupo criado para ser uma comunidade virtual de aprendizagem na rede social Facebook.

A cultura de rede possibilita a criação de grupos e comunidades virtuais nas redes sociais na internet promovendo a abundância e o compartilhamento de informações. A compreensão do que acontece nesses grupos na rede é de suma importância para a Educação e para a formação dos professores, especialmente, se pensarmos em uma educação em rede.

O objeto de pesquisa se caracteriza como um grupo de estudos na rede social Facebook, que será neste trabalho chamado de ARPID¹. O ARPID foi criado por professores em uma disciplina de doutorado e contava com 448 membros por ora da coleta de dados. Partindo dos conceitos de “grupo”, “agrupamento” e “comunidade” mapeamos as interações entre os membros do grupo.

(*) Doutoranda em Informática na Educação (PGIE/UFRGS). Professora do Núcleo de Formação Docente da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS. cristiane.koehler@ufrgs.br

(**) Doutora em Informática na Educação. Professora e pesquisadora no Instituto Superior de Educação (AJES), Juína, MT. nadiechristina@gmail.com

(***) Doutora em Educação. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGIE/UFRGS), Porto Alegre, RS. marie.jane@ufrgs.br

GRUPOS E COMUNIDADES EM UMA SOCIEDADE EM REDE

Os estudos sobre as comunidades não são recentes e suas concepções tampouco são unânimes, haja vista a complexidade do objeto que é dinâmico e adquire diferentes configurações no tempo e no espaço.

Para dar início a essa reflexão vamos partir da palavra “comunidade” cuja origem vem do latim, no termo *communitas* e se refere à qualidade de tudo aquilo que é comum.

A definição de comunidade remete a outros conceitos estruturantes sem desconhecer que seu significado engloba o que é “comum”, tem “paridade” e promove “comunhão” entre os membros. O sentido forte do conceito está na propriedade em constituir identidade com base em sentimentos compartilhados, acordar regras comuns, caracterizando-se por ser um agrupamento social com acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos. Nessa definição temos como base da comunidade os agrupamentos que a compõem.

E o que vem a ser agrupamentos? Tschiedel, citado por Zanella e Pereira (2001, p. 106), diz que “há duas origens para o termo grupo: do provençal *grop*, que significa nó e do germânico *kruppa*, que significa forma arredondada”. Para Zanella e Pereira (op.cit) a genealogia do termo traz implícita as noções de desigualdade e enlace entre os membros. A distinção entre grupo e agrupamento, por sua vez, é inferida do uso do termo na Renascença quando este era utilizado para denominar um conjunto de esculturas, uma vez que olhá-las em grupo conferia um sentido distinto de olhá-las uma a uma.

Bock *et al.* (2002, p. 217) estabelece como ponto de partida, para a compreensão da dinâmica da construção social, a relação entre instituições, organizações e grupos. A vida humana é grupal e, não teria como ser de outro modo, somos uma espécie que nasce totalmente dependente do outro para sobreviver. Para nos organizarmos em sociedade surge a necessidade de definir regras e valores compartilhados, que vem a constituir as instituições que, por sua vez, se reproduzem nas organizações. A família é uma instituição e seus valores e regras se reproduzem em organizações como a igreja ou as creches. Todavia essas regras e valores mudam com o tempo e, isso gera resistências na sociedade, a exemplo do que hoje se entende como família e que, em muito, difere do modelo patriarcal do século XIX. O grupo, segundo Bock *et al.* (2002, p. 217) “é o lugar onde a instituição se realiza”, pois é o grupo que

realiza as regras e promove os valores. [...] é o sujeito que reproduz e que, em outras oportunidades, reformula tais regras. É também o responsável pela produção dentro

das organizações e pela singularidade – ora controlado, submetido de forma acrítica a essas regras e valores, ora sujeito da transformação, da rebeldia, da produção do novo.

David Zimmerman (1993) estabelece diferenças mais nítidas entre os conceitos e, sua definição integra o conceito de comunidade. Segundo o autor “um conjunto de pessoas constitui um grupo; um conjunto de grupos e sua relação com os respectivos subgrupos constitui uma comunidade; um conjunto interativo das comunidades constitui uma sociedade”. A diferença entre grupo e agrupamento reside no fato de ser o primeiro constituído por pessoas com interesses em comum e o segundo são pessoas com interesses comuns. Para ilustrar, Zimmerman (1993) cita um exemplo baseado na serialidade de Sartre, onde pessoas numa fila à espera de um ônibus compartilham os mesmos interesses apesar de não haver vínculo emocional entre elas, mas determinado incidente pode modificar toda a configuração grupal. Para o autor o “grupo é uma unidade que se manifesta como totalidade”, não sendo resultante apenas do “somatório de indivíduos que o compõe, se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios”. A definição de agrupamento de Zimmerman parece se distanciar do conceito de comunidade, na qual os valores e as regras são compartilhados e há acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que a constituem. Observa-se a sutileza dos conceitos que se entrelaçam para que se possa compreender o que constitui um grupo. Zimmerman (1993) ainda classifica os grupos com base no critério das finalidades a que se propõem. Segundo o autor, os grupos podem ser de dois tipos: Operativos ou Terapêuticos. Isso é realidade ou utopia? Até que ponto as comunidades se concretizam na prática?

Para Bauman (2001) uma comunidade se constitui no ideal de todo ser humano, mas há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade e o preço, segundo o autor, é pago através do contingenciamento da “liberdade, também chamada ‘autonomia’, ‘direito à autoafirmação’ e ‘à identidade’. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra” (BAUMAN, 2001, p.10). Estar em comunidade é ter segurança, mas para tanto é preciso abrir mão da liberdade e buscar o equilíbrio entre as duas é o grande desafio que se impõe. Para Bauman (2001, p. 11) “o problema é que a receita a partir da qual as ‘comunidades realmente existentes, foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de consertar”.

Recuero (2001, 2005) ao introduzir a discussão sobre o conceito de comunidade diz que este evoluiu de um sentido quase ideal, cujas origens envolve os conceitos de família, comunidade rural, passando a integrar um conjunto maior de grupos humanos com o passar do tempo. Com o advento da urbanização, principalmente, as comunidades rurais passaram a desaparecer, cedendo espaço

para as grandes cidades. Com isso, a ideia de comunidade, segundo a autora, como a sociologia clássica a concebia, como um tipo rural, ligado por laços de parentesco em oposição à ideia de sociedade, parece desaparecer, não da teoria, mas da prática.

Ao se discutir sobre as redes e as comunidades virtuais é preciso considerar o grau de coesão observado nos grupos. Wasserman e Faust (1994) definem grupos coesos a partir de: a) mutualidade dos laços ou conexões; b) proximidade dos membros do subgrupo; c) frequência dos laços dentre os membros; d) frequência dos laços entre os membros em relação aos não-membros do grupo. Recuero (2005) considera que a mutualidade é uma ideia fundamental, pois um laço para ter proximidade precisa de reciprocidade. Todavia só a reciprocidade não garante a força necessária para manter o laço, mas ajuda a percebê-la. A proximidade se verifica através dos sentimentos e das trocas realizadas e a sua força pode ser avaliada pela frequência entre os contatos e as interações.

As análises se desdobram na identificação de uma nova estrutura social, marcada pela presença e o funcionamento de um sistema de redes interligadas (CASTELLS, 1999). A ideia de que estamos vivendo em uma sociedade organizada em rede não é novidade. A rede é um padrão de organização de algo que pode ser concebido a partir de diferentes recursos. Os grupos e comunidades também não surgiram com as tecnologias de informação e comunicação (TIC), no entanto, mudanças significativas nas condições de viver em sociedade decorrem da onipresença das tecnologias de rede (TEIXEIRA, 2010).

Castells (1999, p. 43) observa transformações sociais na sociedade a partir do acesso facilitado às tecnologias. Diz ele: “A tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica [...] o resultado final depende de um complexo padrão interativo [...]. A tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. E essa compreensão nos permite dizer que a educação formal pode vir a se beneficiar da ubiquidade das tecnologias de rede. Para nós, isso ainda necessita mais esclarecimentos (SOARES e CARVALHO, 2013), mas Siemens (2004, p.4) confortavelmente afirma que estamos falando de “uma época onde o conhecimento está distribuído através de uma rede de conexões e que a aprendizagem consiste na capacidade de estabelecer ligações em rede e de circular nessas redes”.

O autor ressalta que as teorias de aprendizagem clássicas não contemplam as especificidades da aprendizagem com o uso das tecnologias. Pode ser, entretanto, que precisamos analisar se as comunidades virtuais representam novos espaços educativos, ainda que saibamos que “as redes

estão em toda parte e basta observá-las para reconhecer que a sociedade está organizada como uma complexa rede social e que vivemos em um mundo muito pequeno” (BARABÁSI, 2002, p. 7).

O estudo de redes complexas traz desafios ao se buscar “pensar em padrões, não em pessoas” (BUCHANAN, 2010, p. 5-15). Christakis e Fowler (2010) afirmam que algumas questões importantes precisam ser estudadas e discutidas para que possamos compreender o mundo ao nosso redor, como: “a qual objetivo as redes sociais servem? por que estamos integrados a ela? como se formam? como funcionam? como nos afetam?”. Os autores ainda explicam que “para saber quem somos, devemos entender como estamos conectados”. Buchanan (2009, 2010) reforça afirmando que as redes sociais possuem um poder surpreendente e que, sem perceber, moldam as nossas vidas.

Com mais de um bilhão de pessoas conectadas, as redes sociais na internet permeiam diversos aspectos de nosso dia a dia. Esses sistemas têm se expandido desde o estabelecimento de relações de amizade até como ferramentas indispensáveis para o relacionamento profissional, recomendações sociais, comunicação e difusão de informação online.

Neste artigo consideramos o conceito de rede sob a perspectiva dos autores Degenne e Forsé (1999) e Wasserman e Faust (1994): “uma rede social consiste de um conjunto finito de atores e as relações definidas entre eles” (WASSERMAN e FAUST, 1994, p. 20).

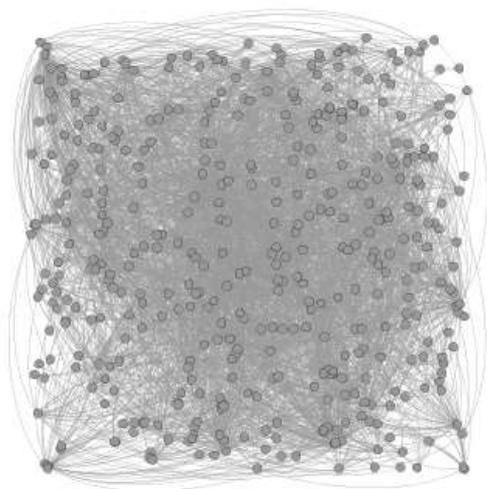
A compreensão do conceito de redes nos possibilita entender o que se passa nos sites de redes sociais na internet, suas dinâmicas e, principalmente, como se constitui a disseminação de informações; permite compreendermos como as ideias e atitudes dos amigos, dos amigos, dos nossos amigos, nos influenciam (CHRISTAKIS e FOWLER, 2010).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é uma pesquisa sobre redes sociais. Um problema encontrado no estudo das redes é a delimitação do objeto, pois segundo Degenne e Forsé (1999, p. 22), “nenhuma rede tem fronteiras ‘naturais’, é o pesquisador que as impõe”. A análise de rede social é realizada de duas formas: rede inteira ou rede ego. Para atender ao objetivo do nosso artigo, que é compreender os conceitos de “grupo”, “agrupamento” e “comunidade” no ciberespaço, definimos a abordagem da rede como uma rede inteira, compreendendo que a rede é constituída por atores e conexões. Consideramos como atores todos os 448 membros do ARPID e como conexões as postagens e interações entre esses atores. Os tipos de interação considerados foram os que estão disponíveis aos internautas do Facebook: curtir, comentar e compartilhar (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL,

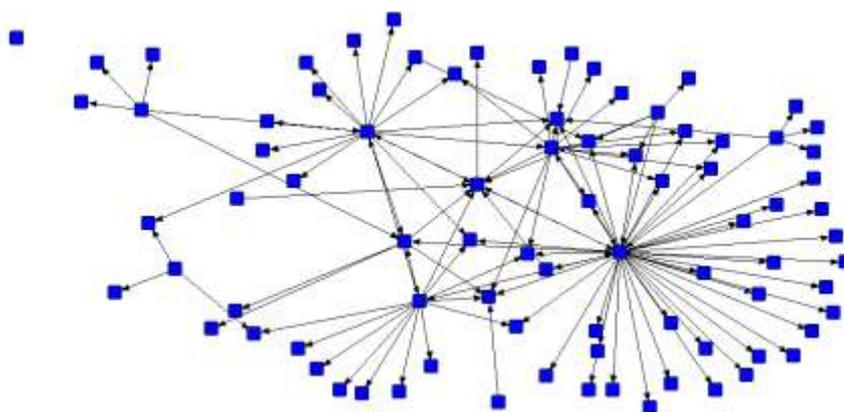
2012), (RECUERO, 2009). Para a análise quantitativa dos dados foram geradas duas redes (Figura 1 e Figura 2).

Figura 1. Rede inteira representando o grupo em estudo



O grafo apresentado na Figura 1 representa as conexões entre todos os membros do grupo de estudos. Sabemos que a rede é dinâmica, que atores podem entrar ou sair deste espaço a qualquer momento e que nem todos os que um dia foram adicionados se encontravam ativos no momento da coleta de dados. A Figura 1 representa um “retrato” da rede inteira do grupo de estudos no momento da coleta de dados. Os dados que representam as conexões entre os membros foram gerados a partir do *app* Netvizz do Facebook. O grafo foi gerado a partir destes dados e, visualizado com o software Gephi¹.

Figura 2. Rede representando o grupo de atores que interagem



¹ Manual de utilização do software Gephi. Disponível em: <http://gephi.github.io/>. Acesso em: 20 nov. 2015.

A Figura 2 mostra a rede gerada a partir das interações entre os atores, no período de noventa dias. Neste período, dezesseis (16) atores publicaram e estas publicações resultaram em setenta e três (73) curtidas, quatorze (14) comentários, sete (07) curtidas e comentários e, três (03) compartilhamentos. Na Figura 2 estão representados apenas os membros do grupo de estudos que estão em interação.

Um ator, também chamado de nó ou nodo, é o primeiro elemento a ser identificado pelo pesquisador. Atores podem ser pessoas, objetos ou instituições. Um ator social em uma rede social é a construção de uma identidade na rede. Como nestes sites de redes sociais, os usuários devem fazer o *login* com o seu nome de usuário e senha pessoal, o perfil de uma pessoa nestas redes pode ser considerado com uma identificação pessoal daquela pessoa, onde toda e qualquer interação é creditada àquela pessoa. É a identidade digital daquela pessoa na rede que está localizada no ciberespaço. Lúcia Santaella afirma que, “[...] as redes operam a partir de perfis que representam os usuários” (Santaella, 2013, p. 42). As redes sociais digitais oferecem serviços de mensagens instantâneas, murais de mensagens, compartilhamento de fotos, vídeos, e faz com que esses perfis possam ser vistos como pontos de referência para a identidade digital de alguém nesse novo espaço: o ciberespaço.

Uma conexão é percebida pelo pesquisador de diversas maneiras. Geralmente, uma conexão é uma comunicação que envolve um ou mais atores e, essa comunicação poderá ser recíproca ou não, e mesmo assim, será uma conexão. Percebemos que as conexões em uma rede social são constituídas a partir das relações sociais, que através da interação social, geram o que é chamado de laços sociais entre os atores (GRANOVETTER, 1973, 1983). As conexões são o principal foco do estudo das redes sociais, pois é a sua variação que altera as estruturas desses grupos. Três conceitos são essenciais para a compreensão do que é uma conexão: relação, interação e laço social. Neste artigo trabalhamos com o tipo de conexão identificado como interação social. Este tipo de conexão entre os atores está representado no Quadro 1, onde os atores estão identificados, bem como, as interações entre estes atores no grupo de estudos ARPID.

Quadro 1 - Mapeamento das interações entre os atores que interagem

Quem publica	Quem curte	Quem comenta
A1	A3, A5, A9, A11, A14, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, A25, A26, A29, A30, A31, A32, A34, A47, A48, A49, A50, A51, A52, A53, A54, A55, A56, A57, A58, A59, A60, A61, A62, A63, A64, A66, A67, A69	A2, A9, A24, A26, A27, A29

A2	A1, A3, A5, A14, A17, A32, A55, A63, A72, A80, A82, A83, A84, A85, A86	A2, A63
A3	A5, A28, A29	A5
A4	A29	A4
A5	A1, A2, A3, A9, A10, A14, A17, A29, A35, A36, A40, A41, A42, A43, A44, A45, A46	
A6	A5, A14, A37, A38, A39	A5, A6
A7	A1, A3, A51, A68, A69	
A8	A35, A80, A81	
A9	A1, A3, A24, A29, A30, A32, A39, A43, A51, A52, A53, A55, A62, A69, A71, A72, A79	A1, A43, A78, A79
A10	A51	
A11	A3	
A12	A1, A29, A70, A73, A74, A75	
A13	A3	
A14	A1, A3, A32, A76, A77	
A15	A32	

A Figura 2 foi gerada a partir do Quadro 1, com o auxílio do software UCINET (ALEJANDRO e NORMAN, 2005). O Quadro 1 apresenta a síntese das interações sociais entre os atores que registram alguma das formas de interação, relacionando o ator que publica com os atores que curtem e ou comentam as suas publicações. A descrição dos atores foi configurada de forma que os mesmos não possam ser identificados, mantendo assim, o anonimato dos membros do grupo de estudos. É possível observar que a ação de curtir uma publicação é predominante em relação à ação de comentar, pois o ato de comentar demanda mais tempo, leitura e reflexão sobre a publicação.

Um questionário online foi disponibilizado aos membros do ARPID com seis perguntas, sendo cinco fechadas e uma aberta. As questões fechadas solicitam o modo de ingresso (se por convite, solicitação ou por participar da disciplina oferecida pelos professores criadores do grupo), a frequência de acesso, os tipos de interação mais utilizados (curtir, compartilhar e comentar), se faziam a leitura das postagens e, por fim, a frequência com que compartilham as postagens. Ao

final, uma questão aberta solicita aos respondentes que citem aprendizagens decorrentes da participação nesse espaço. O questionário foi um estudo piloto, de caráter exploratório, que terá continuidade através do refinamento das questões. Todavia foi essencial para identificarmos que nesse período houve apenas três compartilhamentos para outros perfis e/ou outros grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que os sites e aplicativos de redes sociais alteraram o modo como as pessoas se comunicam, como compartilham informações e, que mais de 1,49 bilhão de pessoas usam o site Facebook regularmente, de acordo com números divulgados em agosto de 2015. Pesquisadores, professores e estudantes utilizam os sites de redes sociais para compartilhar informações e as últimas descobertas científicas. As pessoas deixam de ser meramente consumidoras de conteúdos e passam a produzi-los. Produzem, compartilham, comentam e disseminam informações. Os sites de redes sociais como Facebook, Twitter, Pinterest, Flickr, YouTube, Tumblr, Instagram, Snapchat, Periscope, e tantos outros, proporcionam o compartilhamento de informações em tempo real, a qualquer hora e a qualquer lugar. Neste contexto, cada vez mais, os professores começam a usar estes sites para organizar comunidades virtuais em torno de algum objetivo em comum. O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre as proximidades, distanciamentos e complementaridades entre os conceitos de “grupos”, “agrupamentos” e “comunidades” em espaços virtuais. Para isso, trabalhamos com dois tipos de dados: os dados da rede social representada pelas interações sociais manifestas no grupo, e os dados coletadas a partir do questionário online disponibilizado aos membros do grupo, via um link do GoogleDocs.

Os dados da rede social gerada a partir das interações sociais manifestas no grupo, nos mostra que a interação social “curtir” foi realizada com muito mais frequência do que a interação social “comentar”, por exemplo. Comentar uma postagem implica em um maior envolvimento dos membros do grupo em termos de leitura e reflexão sobre a postagem.

O questionário online contou com a participação de dezenove (19) membros cujas respostas informam que mais da metade recebeu convite de um membro ou estava participando de uma disciplina ministrada pelos professores que criaram o ARPID. A frequência de acesso mostra que um número expressivo de respondentes acessa com regularidade semanal ou mensal. Mas, o que mais nos surpreendeu foi a resposta de quatro respondentes que declararam que “quase nunca visitam” o ARPID e, um respondente disse que “nunca visita”, mas mesmo assim, responderam ao instrumento. Os tipos de interação que os respondentes realizam se restringe, predominantemente, a

“curtir” as mensagens postadas. Treze (13) dos dezenove (19) responderam que apenas curtem. Ninguém respondeu que apenas compartilha as mensagens e, nem que apenas curte e comenta. Uma (01) Pessoa declarou que apenas comenta e, cinco (05) que curtem, compartilham e/ou comentam. Ou seja, os acessos cada vez mais reduzidos, decorrentes do distanciamento físico e geográfico dos membros, ainda mantém trocas qualificadas entre os mesmos. Essas, porém, somente acontecem quando, de fato os interesses em comum são o objeto das postagens. O que reforça a ideia de que a coesão dos grupos numa comunidade virtual como essa, ainda está atrelada a objetivos muito específicos e, compartilhados por pequenos grupos inseridos no grupo maior.

A leitura de todas as postagens é uma atividade declarada por apenas três dos respondentes, o que obviamente se reflete no baixo índice de comentários e compartilhamentos observados no ARPID. A questão aberta trouxe novos elementos para a compreensão da coesão neste espaço. Um dos respondentes declarou que foi convidado a participar, mas que no momento está mais atuante em outros grupos. Isso confirma que a adesão de outrora foi atualizada em função de interesses mais específicos que a pessoa tem no momento. Outro membro diz que as publicações contribuem para os seus estudos, o que confere ao ARPID um lugar privilegiado para aqueles que possuem interesses em comum, o que não mais acontece com a outra participante. Um terceiro respondente afirma que a participação no ARPID possibilitou experimentar na prática a vivência em redes sociais na internet. O ARPID em estudo tem contribuído para disseminar informações relevantes e que contribuem para a prática dos docentes, como se observa nas falas das respondentes de dois outros respondentes. Para outro respondente, as contribuições vêm por este espaço ter sempre novidades, o que o mantém atualizado. Como podemos ver, em especial nessas últimas falas, o conteúdo é o ponto de interesse que ainda mantém esses membros voltando a este espaço. Não existem laços afetivos ou interesses em comum com outros membros, o que explica a baixa frequência de acessos e comentários. O fato de também serem reduzidos os compartilhamentos nos faz pensar que a preocupação maior dos membros não é socializar as informações, mas se abastecer individualmente. Essa concepção individual, carregada da ideologia de uma sociedade capitalista, ainda precisa ser repensada se, de fato queremos construir e, compartilhar em comunidades de aprendizagem virtuais.

A reciprocidade inexistente nesse espaço, onde poucos postam e, muitos recebem. Isso nos parece muito distante do que se poderia considerar como uma comunidade, sendo tão somente um espaço privilegiado onde as pessoas foram convidadas a participar por estarem em algum ponto do

passado compartilhando interesses e, desafios de aprendizagem, mas que hoje a grande maioria, apesar de manter os laços, se mantém distante e, só acessa o espaço para se abastecer de novidades.

No entanto, é importante destacar que como se trata de um local caracterizado como aberto, sendo assim, público na rede social Facebook, as postagens publicadas são visualizadas por todos os amigos, e amigos dos amigos, do membro que as publicou. Isto quer dizer que há interações nas postagens por parte de pessoas que não são membros do ARPID, mas que visualizam as postagens por serem amigos, ou amigos dos amigos, do membro autor da postagem. Isso mostra o porquê de um respondente ter afirmado que “nunca visita” este espaço. Esse dado evidencia a disseminação de informações a partir dos laços sociais fracos.

Finalmente, chegamos à conclusão de que o ARPID, à luz da teoria estudada, não é um “grupo”, propriamente dito, porque o conjunto de pessoas estudado tem “objetivos comuns”, mas não tem, “objetivos em comum”. Um conjunto de pessoas que tem apenas “objetivos comuns” é um “agrupamento” e, não um grupo. Neste estudo, constatamos que as pessoas que interagem no ARPID, possuem “interesses comuns”, mas não possuem “interesses em comum”, como foi observado nas falas dos respondentes. Isto deve-se ao fato de que há a presença de diversos membros que participaram das disciplinas oferecidas em semestres anteriores e, esses membros não têm “interesses em comum” com os membros que não fizeram as disciplinas, no mesmo semestre. Também, é necessário considerar que há outros membros que são convidados por membros ativos e, também, há pessoas que solicitam a entrada, simplesmente porque se interessam pela temática e, são aceitos. Por fim, constatamos que o que a rede social na internet Facebook denomina de “grupos”, não necessariamente o são, pelo menos não no sentido literal do conceito como concebido pelos teóricos aqui discutidos. No caso do objeto de estudo desse artigo, encontramos um “agrupamento” de pessoas onde a maioria é consumidora de informações privilegiadas que são disseminadas por poucos. Na continuidade da pesquisa pretendemos aprofundar o entendimento focalizando nos sujeitos ativos da rede, com a intenção de compreender como a mesma se mantém apesar de não haver reciprocidade.

NOTAS

¹ ARPID é o nome pelo qual nos referenciamos ao grupo em estudo neste artigo. Decidimos nomeá-lo para que o leitor não o confunda com o conceito de “grupo” proposto para discussão e também para que se mantenha a privacidade do grupo e dos membros deste grupo a rede social Facebook.

REFERÊNCIAS

- Alejandro, V. A. O.; Norman, A. G. **Manual introdutório de análise de redes sociais – medidas de centralidade**. 2005. Disponível em: http://api.ning.com/files/ib7AWBiwEwSRilCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZOskSh15AhSOE9XhzcVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbD-ykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio_ex_ucinet.pdf. Acesso em: 20 nov. 2015.
- Barabási, A. **Linked: A Nova Ciência dos Networks. Como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências**. São Paulo: Editora Leopardo, 2002.
- Bauman, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- Bock, A.; Furtado, O.; Teixeira, M. de L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- Buchanan, M. **Nexus: Fundamentos da Ciência dos Networks**. Tradução de André Alonso Machado. São Paulo: Leopardo, 2009.
- _____. **O Átomo Social: porque os ricos ficam mais ricos, os trapaceiros são pegos, e o seu vizinho geralmente se parece com você**. Tradução de Juselia Santos. 1ª ed. São Paulo: Leopardo, 2009.
- Castells, M. **A Sociedade em Rede**. Volume I. 8ª edição revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Christakis, N. A.; Fowler, J. H. **O Poder das Conexões. A importância do networking e como ele molda nossas vidas. Por que os ricos ficam mais ricos ? Como achamos e escolhemos nossos companheiros ? Por que as emoções são contagiantes ?** Tradução Edson Furmankiewicz. 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- Degenne, A.; Forsé, M. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1999.
- Fragoso, S.; Recuero, R.; Amaral, A. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. Coleção Cibercultura.
- Granovetter, M. **The Strength of Weak Ties**. The American Journal of Sociology, vol.78, n. 6, p.1360-1380, maio de 1973.
- _____. **The Strength of Weak Ties: Network Theory Revisited**. *Sociological Theory*, vol 1, p 203-233, 1983.
- Recuero, R. **Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica**. ECOS Revista. Pelotas/RS, v. 5, n. 2, p. 109-126, 2001.
- _____. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Ecompos, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005.
- _____. **Redes Sociais na Internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- Santaella, L. **Intersubjetividade nas redes digitais**. In: PRIMO, A.(org.). Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 33-47.
- Siemens, G. **Connectivism: a learning theory for the digital age**. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- Soares Carvalho, M. J. Proposições e controvérsias no conectivismo. RIED. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, v. 16, n. 2, p. 09-31, 2013. Disponível em: <http://ried.utpl.edu.ec/sites/default/files/pdf/ried%2016_2articulos/art1_proposicoes.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- Teixeira, A. C. **Inclusão Digital: novas perspectivas para a informática educativa**. Unijuí: Ed.Unijuí. 2010.
- Wasserman, S.; Faust, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.
- Zanella, A. V.; Pereira, R. S. Constituir-se enquanto grupo: a ação de sujeitos na produção do coletivo. **Estudos de Psicologia**. v. 6, n. 1, Junho, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n1/5337.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- Zimmerman, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RESUMO

Apresentamos uma reflexão teórica sobre os conceitos de "grupos", "agrupamentos" e "comunidades" no contexto da cibercultura. O objetivo é compreender a dinâmica das relações interpessoais através de uma abordagem metodológica mista. Analisamos as interações em um grupo de estudos no Facebook. As interações representadas na forma de grafos mostraram a existência de grupos, subgrupos, conectores e membros isolados na rede. Um questionário foi aplicado para identificar se os membros possuíam "objetivos comuns" ou "objetivos em comum". Finalmente, concluímos que o grupo estudado é um "agrupamento" de pessoas que estão organizadas em diversos outros grupos, onde algumas pessoas interagem "curtindo" e, poucas pessoas "comentando" ou "compartilhando" as publicações.

Palavras-chave: Grupos. Agrupamentos. Comunidades Virtuais. Redes Sociais na Internet.

GROUPS, GROUPING AND COMMUNITIES IN SOCIAL NETWORKS ON THE INTERNET

ABSTRACT

We present a theoretical reflection on the concepts of "groups", "grouping" and "communities" in the context of cyberculture. The goal is to understand the dynamics of interpersonal relationships through a joint methodological approach. We analyze the interactions in a study group on Facebook. The interactions represented in the form of graphs showed the existence of groups, subgroups, and connectors, the individual members network. A questionnaire was applied to identify the members had "common goals" or "common goals". Finally, we conclude that the "study group" is a "group" of people who are organized into various groups, where some people interact "enjoying" and few people "commenting" or "sharing" publications.

Keywords: Groups. Groupings. Virtual Communities. Social network site.

Submetido em: maio de 2015
Aprovado em: dezembro de 2015